

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
SÃO PAULO**

CELINA DE CARVALHO COLLET E SILVA

**O QUE EU VOU SER QUANDO CRESCER?
REFLEXÃO SOBRE A PRESENÇA DA FAMÍLIA NA
ESCOLHA PROFISSIONAL DOS FILHOS**

São Paulo

2015

CELINA DE CARVALHO COLLET E SILVA

**O QUE VOU SER QUANDO CRESCER?
REFLEXÃO SOBRE A PRESENÇA DA FAMÍLIA NA
ESCOLHA PROFISSIONAL DOS FILHOS**

Monografia apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de Especialista em Terapia Familiar e de Casal do Núcleo de Família e Comunidade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação da Professora Doutora Marilene Grandesso.

PUC/São Paulo

2015

AGRADECIMENTOS

Fazer este trabalho foi um desafio muito grande, por diversas vezes situações que surgiram no decorrer desta jornada me desestabilizaram, porém, me sinto feliz e realizada por ter alcançado meu objetivo e terminado um ciclo tão importante na minha vida.

Agradeço em primeiro lugar a **Nossa Senhora**, minha mãe querida, que nunca me abandonou em momento algum deste percurso e em minha vida.

Agradeço às minhas amadas filhas **Carolina** e **Débora** que sempre me incentivaram acreditando e me dando forças quando eu nem imaginava que teria, tantas horas roubadas e uma paciência inesgotável me ensinando e ajudando em minhas dificuldades tecnológicas, aprendi muito mais com elas do que imaginava que pudesse.

A **meus pais** que mesmo de longe sempre me estimularam, me acompanhando e acreditando no meu trabalho.

A minha querida e determinada irmã **Beatriz**, sempre ao meu lado, nunca me permitiu desanimar. Um exemplo para mim, nas horas mais difíceis seu incentivo e dedicação foram da maior importância.

A minha querida amiga de todas as horas e professora **Claudia Bruscagin** por todo seu carinho e alegria que sempre me serviram de incentivo neste caminho e por ter me estimulado a fazer o curso de terapia de família e casal. Sem o seu incentivo nada disso teria acontecido.

Agradeço imensamente à minha querida orientadora **Marilene Grandesso** por todo seu carinho, palavras de incentivo e ensinamentos compartilhados.

Muitas pessoas neste meu caminhar foram de importância imprescindível para a realização deste projeto, agradeço a todos sem exceção, que me acompanharam e compartilharam das minhas alegrias, angústias e dificuldades, e que, com a sua amizade e carinho, contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

O QUE EU VOU SER QUANDO CRESCER? REFLEXÃO SOBRE A PRESENÇA DA FAMÍLIA NA ESCOLHA PROFISSIONAL DOS FILHOS

Celina de Carvalho Collet e Silva

NUFAC- Núcleo de Família e Comunidade da PUC- São Paulo

Os estudos sobre o momento da escolha profissional, não são novidade, e hoje se compreende cada vez mais a necessidade do autoconhecimento para que o jovem faça essa escolha com mais autonomia. A família sempre exercerá influência nas escolhas dos filhos, falando, ou calando-se, no que se refere a escolha profissional.

O objetivo deste trabalho é fazer uma reflexão sobre a influência da família neste momento da escolha profissional de seus filhos. Refletir sobre como os sentidos e valores construídos ao longo das gerações familiares podem nortear ou interferir no tipo de decisão e escolhas. Para isso buscamos por meio de leituras de autores tradicionais como Bohoslavsky e Bock, fazer um breve histórico da orientação profissional e através de diálogos retirados da série ‘Confissões de adolescente’ exibida pela TV Cultura e uma compreensão por meio das lentes da visão sistêmica pós-moderna, buscamos dar uma inteligibilidade ao entendimento da família como sistema imerso em redes relacionais que comungam entre si, fazem parte de um determinado contexto e de um processo dinâmico de construções. Nosso foco foi em como os sentidos e valores, do que é desejado e do que não é, impressos nas inter-relações familiares podem interferir nas escolhas dos filhos neste momento. Ao final de minha reflexão observo que incluir um amplo conhecimento e compreensão do funcionamento da dinâmica da família e seus processos de construção de valores nos procedimentos de escolha profissional pode contemplar o adolescente neste momento com uma realidade de escolha mais independente e própria.

Palavras chaves: Família, escolha profissional, visão sistêmica pós-moderna

ORIENTADORA: Prof^ª Dr^ª Marilene A. Grandesso

Sumário

Introdução.....	6
Cap. 1 – A orientação profissional e escolhas	11
1.1– Um olhar histórico sobre a Orientação Profissional.	11
1.2– A escolha ligada à concepção de homem.	16
Cap. 2- A família na atualidade	21
2.1 – Uma perspectiva pós-moderna	21
2.2 – A família como sistema	22
Cap.3 - O que eu vou ser quando crescer?	26
3.1 – O contexto familiar	26
3.2 – Família e mito	31
Considerações Finais	33
Referências Bibliográficas	35

Introdução

Atualmente, a escolha profissional para os jovens, vem acontecendo num clima de pressão e urgência muito grande por conta do momento do vestibular. Podemos somar a esse fator a alta competitividade, muitas e rápidas transformações nas informações, nas profissões e também, uma demanda de mercado que impulsiona este jovem para uma escolha profissional cada vez mais precoce e com grande atenção voltada a sua inserção no mercado de trabalho. Essa situação faz com que os jovens vivam este momento com grande dificuldade e crescente ansiedade diante da escolha profissional. O imediatismo dos tempos atuais, o afastamento do autoconhecimento, de seus interesses e desejos e de um “perceber-se a si mesmo”, só dificultam ainda mais a elaboração desse projeto de futuro pleiteado pelo jovem. Por outro lado, podemos perceber pais cada vez mais inseguros e preocupados com as escolhas dos filhos o que sem dúvida é sentido pelo jovem e toda a família. Existem interferências tanto da família em relação ao jovem como do jovem em relação à família. A estrutura familiar funciona com uma complexidade própria podendo determinar valores e crenças sobre as experiências vividas, as quais são percebidas e apreendidas por todos os seus membros.

Sabemos que a adolescência é um período marcado por grandes transformações, muitas dúvidas e dilemas, e é neste momento de turbulência emocional que o adolescente se vê diante da necessidade de escolher qual rumo profissional irá seguir. Nos dias atuais, a enorme quantidade de informações a respeito de novas ocupações profissionais e a rapidez com que as ofertas oferecidas pela mídia chegam aos adolescentes, confunde ainda mais este momento de tomada de decisão. Somando-se a estas questões externas temos ainda a realidade individual de cada um, as pressões, os valores familiares, a influência dos amigos e do ambiente social do qual pertencem. A inquietação em relação a este assunto vem da observação da grande ansiedade que jovens vivem neste momento. Estes jovens, vivendo a escolha profissional, é o foco deste trabalho, buscamos refletir sobre a presença da família e como o adolescente vivencia este momento, o que e como afeta o adolescente em relação a sua escolha profissional e principalmente como ele entende essa interferência da família nesta etapa de suas vidas. Sabemos que a família exerce grande influencia na vida dos seus

membros, porém, observamos que um momento de grande turbulência se estabelece quando a rapidez das informações, a velocidade das ofertas de novas alternativas profissionais se choca com núcleos familiares tradicionais, muitas vezes despreparados para lidar com esse momento atual preferindo permanecer no conhecido e seguro, aconselhando profissões tradicionais ou pressionando o jovem para escolhas de profissões familiares.

Muitos discursos de adolescentes se constroem em cima de uma necessidade eminente de fazer esta escolha com independência e totalmente liberta e desvinculada das interferências familiares o que gera uma grande angústia pela impossibilidade de tal ato. Sabemos que a família sempre vai exercer influências, principalmente estabelecer sentidos e verdades para seus membros e é sobre o conhecimento de como se dá o funcionamento de uma família pelo adolescente que o trabalho gostaria de refletir, acreditando que, uma vez o adolescente constatando essa impossibilidade de não ser influenciado pela família, abra espaço para uma escolha com mais consciência e com muito menos angústia.

“Tendo em vista os novos desafios, o trabalho de orientação profissional evoluiu rapidamente, adequando-se à nova realidade. Nosso papel, como orientadores profissionais, consiste em facilitar o processo da escolha. Podemos ajudar o sujeito a pensar, a se conscientizar que são muitos os fatores que interferem na sua escolha, fatores sobre os quais nem sempre se tem ingerência ou controle”.
(OSÓRIO, 2011 p53)

O final do sec. XX foi marcado pelas inovações das telecomunicações, da automação e pela drástica mudança de um paradigma industrial para o tecnológico. De fato, como relata Abade (2005), o capital mundial foi reestruturado de um domínio produtivo, no qual o campo da atividade profissional era pautado em uma adaptação urbano industrial, para um domínio financeiro. Portanto, a orientação vocacional que a princípio visava o melhor ajuste do trabalhador ao trabalho, passou a considerar a importância do autoconhecimento para a realização pessoal na profissão. A identidade

profissional passou a ser compreendida levando-se em conta o contexto no qual o indivíduo estava inserido.

Para efeito deste trabalho, elegemos aspectos que consideramos relevantes ao tema investigado: a influência da família na escolha profissional de seus filhos adolescentes. Organizamos nosso percurso, iniciando no primeiro capítulo deste estudo considerando questões históricas da Orientação Profissional contextualizando-as cronologicamente, e caminhamos no sentido de uma abordagem pós-moderna para o entendimento deste momento de escolha, por meio da qual o indivíduo vivendo esta situação é entendido em uma dimensão relacional, fazendo parte de um contexto e de um processo.

Quando um indivíduo está em posição de escolha profissional necessita lidar simultaneamente com seus interesses, com os sentidos imprimidos às questões da sua vida, com o que é aceito e o que não é, com suas necessidades, aptidões, sendo desafiado a lidar com sua visão de mundo, com sua identidade e concepção de ser, com as informações que possui acerca das profissões, com as influências e interferências externas advindas do meio social, dos pares e principalmente da família.

No segundo capítulo buscamos ilustrar o papel da família no contexto da escolha profissional de seus filhos e como teorias pós-modernas, que olham para a família sobre uma dinâmica relacional, surgem como uma nova maneira de entender e incluir a família, facilitando e ampliando o processo de identificação e solução de conflitos experienciados pelo indivíduo que escolhe uma profissão. Para isto focalizou-se o entendimento do contexto familiar e a visão de mundo pela ótica da abordagem sistêmica pós-moderna.

A família está presente na escolha profissional tanto no discurso dos pais como no discurso dos próprios jovens. As influências e interferências aparecem de alguma forma na expressão clara da opinião familiar ou no exercício de alguma forma de “pressão” para que o filho siga, ou mesmo não siga, determinada profissão. A forma como se estrutura determinada família com seus valores e crenças, exerce grande influência nas escolhas futuras dos seus descendentes. Segundo Cerveny (2011) uma família coloca seus modelos interacionais à disposição de seus membros e estes escolhem os que vão repetir ou não, a autora salienta ainda que é através desta história intergeracional que construímos nossa identidade e nossas escolhas.

A identificação ocupacional provém da percepção individual dos papéis profissionais que fazem parte de nossas interações e experiências relacionais ao longo da vida, principalmente as que nos foram provenientes de relações significativas como pais, familiares, professores. Essa escolha passa por uma percepção individual e segundo Bohoslavsky (1987), não pressupõe uma identidade que é definida *a priori* e sim, um processo que transita pelas mesmas dificuldades que passa a construção da própria identidade pessoal. São processos que caminham juntos na adolescência e é nesse momento que o indivíduo se depara com a eminência de mudanças, ou ainda, complementa o autor, se entrega à ideia de passagem, de reajuste e busca adaptações. Podemos fazer uma analogia deste momento com um “rito de passagem” que o jovem e sua família vivenciam, mas nem sempre, neste caso, sentem-se preparados para tal.

À escolha profissional, somam-se outras escolhas. Neste momento, o indivíduo também faz opções por um estilo de vida, por uma determinada rotina e pelo ambiente no qual será integrado. Decide *o que quer fazer*, mas também *o que quer ser*.

No terceiro capítulo buscamos ilustrar nosso posicionamento através de diálogos retirados de uma série da TV Cultura passada nos anos 1994/1995 chamada “Confissões de adolescentes”. Para este trabalho aproveitamos o episódio 3 “O que eu vou ser quando crescer” que tematizou as angústias, os dilemas e expectativas em relação à profissão e à realidade desta profissão e como se dá a presença da família no momento da escolha profissional dos filhos. Para isso construímos uma conversação com falas recortadas dos personagens da série mencionada acima, que serviu de contexto para construir uma inteligibilidade do tema investigado.

Objetivos

Este estudo tem como objetivo:

Objetivo Geral

Refletir sobre as influências da família nas escolhas profissionais dos filhos.

Objetivos específicos

- 1- Refletir sobre os valores e sentidos construídos na família
- 2- Compreender o papel da família nas escolhas profissionais
- 3-Compreender como os jovens recebem estas influências.

EASYRIDER

Eu quis saber, quis descobrir o meu lugar
Quis encontrar onde me encaixar ou o que encaixasse em mim
Investiguei e revirei o meu passado
E procurei por provas – evidências
E me achei um nó pior do que pensei
E eu tentei desatar fio por fio
Buscando o fio da meada
Por mais que eu saiba, descobri que eu nada sei
Pois pra saber é preciso trilhar o caminho
Registrar cada momento
E buscar seguir o rumo, mesmo que haja uma pedra
Uma tempestade
O rumo estará lá, a meta, a seta(incerta), é bem verdade
Mas aponta
Aqui me apresento como alguém que quis saber
[o que ia ser quando crescer]
E hoje só quer ser, e o que vai ser do meu futuro?
Eu não sei, mas saberei se eu for.

Paola, 16 anos

(com arroubos de escritora e talento tão incerto como o ritmo desta “poesia”)
in (SILVA & JACQUENMIN, 2001. p.7)

CAP 1 – Orientação profissional e escolha

1.1 – Um olhar histórico sobre a Orientação Profissional

Os primeiros centros de orientação vocacional surgiram no início do século XX, com o objetivo de identificar nos indivíduos capacidades e vocações para determinadas tarefas a fim de minimizar acidentes de trabalho. O grande desenvolvimento industrial teve fator determinante para o crescimento de trabalhos de orientação profissionalizante e seleção profissional.

Podemos perceber que a atenção para com a ocupação profissional e para com a vocação do indivíduo já era discutida nos primórdios do século XX. Muitos autores já se preocupavam com o momento da escolha profissional e os fatores que desencadeavam estas mesmas escolhas.

Para Filomeno (1997), a história da orientação profissional está dividida em duas partes: entre 1900 e 1950 e de 1950 até a atualidade. O primeiro período tinha como objetivo condicionar as aptidões e interesses dos indivíduos às oportunidades ocupacionais e profissionais postas pelo meio. As aptidões referiam-se às características inatas à pessoa, ou seja, eram avaliadas basicamente como potencialidades ou destrezas. A partir do momento em que estas aptidões fossem desenvolvidas, por meio de estudos, tornar-se-iam habilidades profissionais. Os interesses individuais é que proporcionariam o desenvolvimento profissional e a transformação das aptidões em habilidades. Neste período acreditava-se que as pessoas por meio de um treino adequado poderiam desenvolver suas aptidões e se tornar, a partir disto, aptas a determinadas ocupações.

Carvalho (1995, apud Gimenez, 2009, p.39) relata que a orientação profissional foi inicialmente uma modalidade da psicologia do trabalho que priorizava a informação profissional. O trabalho de orientação profissional pretendia obter o conhecimento das aptidões do indivíduo e aumentar seu rendimento nas funções profissionais. No século passado a abordagem psicométrica considerava que as características do indivíduo eram estáveis, assim como , as características das profissões. Deste modo, o papel do indivíduo era passivo, a escolha neste âmbito era condicionada a um julgamento externo sobre a melhor opção para que ele pudesse obter uma profissão bem sucedida (Lehman,

1980 apud Gimenez, 2009, p.39). Ou seja, o indivíduo era entendido como mão de obra que precisava ser qualificada e treinada para as funções ditadas por uma demanda de trabalho contextualizada no seu meio e momento histórico.

Contudo, além desta concepção que a necessidade da demanda externa condicionava a escolha profissional ocorria também, em outros segmentos, o entendimento de que a escolha profissional vinculava-se a um fator de repetições geracionais de costumes e tradições, nas quais as ocupações profissionais familiares eram seguidas por gerações. Portanto, o indivíduo sofria pressões da demanda externa e também do contexto familiar, que influenciava tanto nas repetições geracionais quanto na identificação das habilidades individuais no momento da escolha profissional.

“Ninguém chegou a dizer, distinta e claramente, que natureza é a que faz, ao homem, hábil para uma ciência e incapaz para outra e quantas diferenças de engenho se encontram na espécie humana, e que artes e ciências correspondem a cada um em particular e com que indícios poder-se-ia conhecer o que mais importava.” (HUARTE DE SAN JUAN apud BOHOSLAVSKY, 1987, p. 46)

Nestes antigos escritos, Huarte de San Juan entendia que os vários ofícios eram herdados, pois eram os próprios pais que tinham a função de identificar a “natureza” de seus filhos e, em função disto, encaminhar sua formação. Entendia-se que o equilíbrio social estava diretamente ligado à realização de uma tarefa vinculada à “natureza” dos indivíduos. Estes conceitos de 400 anos atrás sofreram modificações e a este respeito Bohoslavsky (1987) afirma que a existência da “vocação” não é mais compreendida como algo inato ou constitucional, mas como algo adquirido, ou seja, aprendido.

A partir deste caminhar histórico, observamos uma necessidade crescente de entender este momento da escolha de uma forma ligada a compreensão do ser humano, com suas singularidades e subjetividades.

Filomeno (1997) relata que a partir de 1950 a formação dos primeiros psicólogos na Argentina, muito influenciados pela Psicanálise, impulsionou um interesse maior pelo indivíduo que escolhe e sobre o modo como escolhe - trata-se *de quem e como escolhe*.

Com o avanço da pesquisa psicológica supõe-se hoje que é possível observar que existe entre os indivíduos uma complexidade social maior que por sua vez, possibilita campos de trabalho e tarefas profissionais mais diversificadas. Pressupõe-se que, se existem diferenças entre as pessoas, é necessário aconselhá-las a que se ocupem de tarefas diferentes. A dimensão ética desse aconselhamento se alicerça no fato de que o homem é sujeito de suas próprias escolhas e que a escolha de seu futuro é algo que lhe pertence e de sua responsabilidade.

No final da década de 1980, Bohoslavsky (1987) afirmou a ocorrência de um paradoxo entre as abordagens da época, pois, mesmo com essas diferenças constatadas no cotidiano atual, a orientação profissional tendia a ocupar-se das mesmas suposições elaboradas no passado. Constatou que ainda existia a firme convicção de que pessoas estão mais preparadas para determinadas tarefas do que para outras. Em relação à complexidade social, a suposição é semelhante quando se julga que o ajustamento social do sujeito se estabelece quando se coloca o homem certo no lugar certo (the right man in the right place). Ao citar esta afirmação de Bohoslavsky (1987) observamos a forte influência atribuída ao meio sobre a condição de escolha profissional.

Tomando em consideração essas colocações, é nosso entendimento que, para entendermos o ser humano em sua complexidade, é relevante a conscientização do próprio indivíduo sobre as influências que sofre no momento de sua escolha e também a conscientização de si próprio enquanto ser dotado de características pessoais e históricas construídas ao longo de sua vida e em constante possibilidade de mudança e desenvolvimento.

Para Bock (2002), as abordagens tradicionais entendem que a aproximação do indivíduo com as profissões ocorre por meio de “modelos de perfis”, ou seja, a boa escolha é resultante da harmonia perfeita entre o perfil profissional e o perfil pessoal. O perfil é definido a partir de características pessoais que se cristalizam ao longo da vida, o que permite a comparação com outros perfis profissionais preexistentes. O modelo de perfis busca identificar as habilidades e conhecimentos necessários para o desempenho de uma função específica. *“O discurso atual não abandona a concepção de perfis, mas acrescenta exigências. Na atualidade, o indivíduo precisa apresentar competências, precisa saber ser”*. (BOCK, 2002)

A busca pelo entendimento mais amplo e complexo sobre o momento da escolha abriu espaço para outra frente neste contexto, o olhar específico para os indecisos. Os indivíduos cuja opção profissional não se encontrava delineada no momento da escolha passaram a fazer parte dos cuidados e interesses da orientação profissional.

Bohoslavsky (1987) já destacava que a demanda do mercado de trabalho impulsionou a psicologia a criar instrumentos de avaliação para inserção dos sujeitos indecisos entre opções de estudo ou trabalho numa perspectiva educacional e produtiva.

Com frequência a escolha de uma profissão inicia-se na adolescência, momento de grandes transformações. Os jovens se deparam com a exigência de escolhas e decisões para as quais nem sempre estão ou sentem-se preparados. Podemos dizer que tal conflito se dá por estes jovens se encontrarem frente ao momento da primeira grande escolha em suas vidas (GIMENEZ, 2009). Este momento de transformações soma-se a um momento em que o jovem se depara com a necessidade de resolver o seu futuro, em que vai trabalhar e como vai estar no mundo. Exigências vindas da sociedade, do próprio jovem, do grupo de amigos e também de familiares, pressionam ainda mais este adolescente para uma escolha “certa”.

Segundo Bohoslavsky (1987) orientação profissional caracteriza-se por procedimentos de profissionais especializados cujos clientes são pessoas que estão enfrentando, em geral, a passagem de um ciclo educativo para outro, diante da possibilidade de enfrentar e tomar decisões. Como já mencionamos, esta escolha configura um momento crítico na vida dos indivíduos e de grandes desafios. A forma como serão enfrentadas e elaboradas estas escolhas dependerá e desencadeará o desenvolvimento posterior, podendo configurar neste processo situações que vão da saúde à doença. A pesquisa deste autor aborda a orientação profissional com adolescentes, pois é nesse estágio do desenvolvimento que emergem as dificuldades e soluções de natureza vocacional. Portanto, neste momento de acesso ao mundo adulto são delineados também os conflitos em termos ocupacionais.

O autor enfatiza que as estratégias de trabalho vocacional implicam em posições psicológicas, filosóficas, antropológicas, sociológicas e ideológicas. Para ele a orientação profissional tinha como definição ser a *“(...) colaboração não diretiva com o cliente, no sentido de restituir-lhe uma identidade e/ou promover o estabelecimento de*

uma imagem não conflitiva de sua identidade profissional”. (BOHOSLAVSKY, 1987 p.32)

As estratégias para este trabalho implicam em posições filosóficas porque toda concepção de homem vai além da ciência, ou seja, não é somente uma concepção científica dele. Pressupõem análises de posicionamentos ideológicos por lidar com as possibilidades de escolha, com o direito de opção e por fazer-se uma análise de sua liberdade, de suas condições e suas formas de conquista. Também implica em uma questão científica e técnica, pois são necessários pressupostos e pontos de partida sustentados em alicerces teóricos e técnicos para que se inicie essa observação e comunicação.

A orientação profissional (OP) focaliza a relação da pessoa que escolhe com as situações ideológicas de contexto social (religião, política, educacional, familiar, econômicas, dentre outras), aproximando o indivíduo destas questões para que a medida de sua conscientização seja facilitada para a solução de seus dilemas.

“Bohoslavsky (1987) definiu a modalidade clínica em OP a partir da ideia de que a escolha de uma carreira pode ser auxiliada se o jovem conseguir assumir a situação que enfrenta, e, ao compreendê-la, chegar a uma decisão pessoal e responsável. Através de seu trabalho, ele nos deu a oportunidade de nos aprofundarmos na singularidade do dilema da pessoa que escolhe, colocando-a como centro da ação psicológica.” (GIMENEZ, 2009 p.41).

Essa afirmação de Bohoslavsky (1987) compartilha de nosso entendimento na medida em que consideramos que o jovem na situação de escolha é o especialista em sua vida, na escolha de seus caminhos, sendo o profissional um agente participante e facilitador de transformações, construções e da conscientização desta complexidade relacional.

Para Bock (2002) é importante a compreensão do indivíduo como ator e ao mesmo tempo autor de sua individualidade e também constatar que as profissões e ocupações não são perenes e imutáveis:

“As propriedades que fazem do homem um ser particular, que fazem deste animal um ser humano, são um suporte biológico específico, o trabalho e os instrumentos, a linguagem, as relações sociais e uma subjetividade caracterizada pela consciência e identidade, pelos sentimentos e emoções e pelo inconsciente. Com isto queremos dizer que o ser humano é determinado por todos esses elementos. (...)”
(BOCK, 2002, p.68).

O fenômeno que constitui o ser nos convida à reflexão deste ser em relação a cada dimensão de seu contexto e com sua própria concepção de homem. O que determina sua existência está diretamente ligado a seu sistema de crenças, que gera um sistema de valores, que por sua vez determina os relacionamentos e suas histórias e a partir disto o modo como o indivíduo se percebe e percebe o mundo a sua volta.

Quando um adolescente busca orientação profissional demonstra, às vezes veladamente, que busca algo que o faça feliz, um projeto de futuro que lhe realize, que lhe proporcione alegria de viver e como pode chegar a *ser*. Isso liga a orientação profissional necessariamente a uma concepção de homem.

1.2 A escolha ligada a concepção de homem

A visão de homem embasada em pressupostos da teoria sistêmica pós-moderna nos leva a entendê-lo como um ser em relação, imerso em um universo, em uma rede dinâmica de inter-relações em constante mudança. A realidade é construída nas relações e através da linguagem e do diálogo, influencia e sofre influência do mundo em que a pessoa vive, de tal forma que ela constrói suas histórias conforme suas experiências vividas e significados conferidos na relação e interação com o outro (GRANDESSO, 2006). A família, o meio social, as redes, o contexto, a cultura, o momento histórico, fazem parte desta complexidade de relações que se encontra o *ser* e aonde ele estrutura sua identidade. Quando refletimos sobre a situação de escolha observamos que é um processo contínuo, permeado de várias influências e decisões que são tomadas durante a vida, *“... escolher uma profissão não é somente decidir o que fazer, mas, principalmente, decidir quem ser. Escolher uma ocupação é escolher um estilo de vida,*

um modo de viver” (FILOMENO, 1997, pg.32). O adolescente neste momento de escolha raramente está atento à abrangência desta decisão, muitas vezes, não se dá conta que esta escolha vai delinear um estilo de vida, uma rotina diária, possibilidades de desenvolvimento, maior ou menor independência profissional e familiar e a própria posição social, “*A profissão é a base do bem-estar e a fonte principal de felicidade, ou infelicidade. A escolha da profissão é a escolha da própria vida.*” (UNGRICHT, 1986, apud FILOMENO, 1997, pg32)

. *“Portanto, quem escolhe não está escolhendo somente a carreira. Está escolhendo “com o que” trabalhar, está definindo “para que” fazê-lo, está pensando em um sentido para sua vida, está escolhendo um “como”, delimitando um “quando” e “onde”. [...] Está definindo quem vai ser, ou seja, está escolhendo um papel adulto e, para fazê-lo, não pode se basear noutra coisa que não o “quem” é.* (BOHOSLAVSKY, 1998 apud FILOMENO, 1997 p.33).

Neste momento, o jovem, ao fazer sua escolha, está deixando coisas para trás. Escolher significa priorizar; escolhas implicam em ganhos e perdas; por estes motivos se observa que a escolha da profissão pressupõe conflitos, gera ansiedade e elaboração de lutos.

“Escolher qualquer coisa significa priorizar. Toda escolha implica riscos também, pois envolve perdas e ganhos, Perdas das opções que foram preteridas e ganhos pela escolha que priorizou.” (RAMOS; RODRIGUES, 1997 apud FILOMENO, 1997 p.33).

Quando pensamos em escolhas, buscamos espontaneamente conexões com a questão da liberdade, uma vez que, conforme consideramos anteriormente, muitos são os fatores que influenciam ou interferem nas escolhas do jovem neste momento.

Para Bock (2002) ocorre uma interferência social neste processo de escolha, pois, de acordo com a classe social do indivíduo ele tem mais ou menos liberdade para

decidir sobre sua profissão ou ocupação. Conclui que a partir da escolha profissional o indivíduo pode, de certo modo, intervir sobre a sua condição de vida, tanto individual como coletiva.

Portanto, o entendimento do indivíduo a partir de um discurso construcionista social (Gergen, 1998), compreende que a sua construção no mundo no que se refere ao seu self e às suas possibilidades existenciais, está sempre aberta a revisões e atualizações. Se tomarmos uma perspectiva da construção dos significados de si mesmo e de suas ações situadas no mundo, podemos dizer que, de uma forma dialética na relação com o meio pressupõe que o ser humano enquanto ser singular se constitui na sua relação com o outro. Neste fluxo dinâmico de interações, o individual e o social se interconstituem (Grandesso, 2006). Deste modo, a cultura é parte integrante da identidade do indivíduo. Na perspectiva de uma visão sistêmica busca-se compreender a constante inter-relação e transformação na interação com o meio e como se desencadeia a construção da identidade. Estas metamorfoses sucessivas possibilitam um maior entendimento também da escolha profissional. O ser humano desenvolve suas habilidades, valores e atitudes na relação que estabelece com o meio.

A linguagem e uma comunicação interativa com o contexto social promove o desenvolvimento da consciência, o que o homem sabe de seu mundo e como ele se sabe no mundo. Desta forma, ocorre na vida do indivíduo constantes partilhas, trocas, construções e reproduções de significados. É nesta relação dinâmica que o ser humano cresce, desenvolve-se e adquire habilidades.

Grandesso (2006) nos fala que o ser humano é sustentado pelo contexto de suas experiências vividas que por sua vez são estruturadas e validadas entre os pares nos seus múltiplos contextos de vida. São experiências provenientes de uma contínua interação comunicativa que coordenam espontaneamente as atividades interativas do cotidiano. A autora afirma que, por essa razão, as pessoas agem não apenas a partir de um plano interior, mas também, a partir de possibilidades construídas em parceria com uma dinâmica de âmbito social. Esclarece que o conhecimento do indivíduo para desenvolver sua própria história nutre-se tanto de uma memória biológica como de uma memória cultural.

“(...) penso que a ênfase no intercâmbio social conformado pelos jogos de linguagem nos espaços interpessoais, conforme propõe o construcionismo social, não pode prescindir de um indivíduo que, na sua idiosincrasia, ao construir-se segundo as convenções de sua comunidade linguística, também as transforma.”. (GRANDESSO, 2006, p.113)

As narrativas desse intercâmbio interpessoal decodificam os significados construídos pelo indivíduo e organizam a própria experiência humana, servindo de matriz para os significados. Grandesso (2006) destaca também que construímos nosso mundo e organizamos a nossa experiência através das narrativas que desenvolvemos sobre os episódios vividos. As narrativas determinam os aspectos da experiência que são notados e escolhidos para serem expressos, os significados dos relacionamentos das pessoas e os horizontes privilegiados para constituírem um caminho a ser seguido são determinados pelas narrativas, as quais imprimem valor e sentido para os acontecimentos vividos.

“... algumas narrativas favorecem para que as pessoas organizem sua experiência e sigam evoluindo para níveis de complexidade cada vez maior no seu ciclo evolutivo. Contudo, outras funcionam como verdadeiras âncoras que impedem, restringem ou dificultam essa caminhada evolutiva”. (GRANDESSO, 2006, p.37)

Olhar o outro por meio de uma perspectiva sistêmica cria um espaço de comunicação no qual se pode construir uma nova narrativa e organizar outra trama de significados, transformando experiências, resignificando-as e possibilitando novas escolhas. É através deste olhar, com foco nas narrativas, que pretendemos entender o trabalho da orientação profissional.

Por meio da narrativa dos jovens, por suas histórias, recheadas de crenças, de valores e significados é que podemos refletir sobre a compreensão que eles têm, de ser uma síntese de seus relacionamentos, dos quais, para efeito deste trabalho, destacaremos os que vivem em suas famílias.

“Os antigos costumes de família e as antigas tradições de família são conservados, pois são antigos costumes de família e antigas tradições de família.” (ANDERSON, H. 2011, p.26.)

CAP 2 – A Família na atualidade

2.1 – Uma perspectiva pós-moderna

A característica interdisciplinar na abordagem sistêmica ocorre por meio de um intercâmbio de conceitos com outros campos da ciência. Diferentes compreensões se harmonizaram para complementar e alimentar o pensamento sistêmico. A autora denomina estas contribuições e mudanças advindas de outras áreas como um mosaico de ideias que evoluíram para construir uma “epistemologia da pós-modernidade” (GRANDESSO, 2006).

O discurso científico da contemporaneidade traz os aspectos da imprevisibilidade e caos. A redução e a fragmentação, buscando uma universalidade das idealizações neste contexto, passaram a ser insuficiente para a compreensão do que está sendo observado e do sujeito cognoscente.

Pensar a família sob um olhar sistêmico pós-moderno é pensar a família de maneira relacional, dialógica, como geradora de significados compartilhados, construindo sua existência a partir das trocas entre seus membros e na dinâmica das experiências vividas. (GRANDESSO, 2008)

Neste enfoque pós-moderno compreendemos a família como um conjunto dinâmico, em constante movimento e com múltiplos caminhos e construções que emergem da permuta de experiências vividas e compartilhadas por seus membros. Com essa perspectiva entendemos que, para a família a construção dos sentidos sobre o mundo e sobre si mesmo, acontece no resultado destas trocas constantes e dinâmicas entre seus membros e também com suas redes sociais situadas em um contexto histórico específico e cultural. A realidade se apresenta como resultado da relação das pessoas com o mundo da qual fazem parte (GRANDESSO, 2006), indo mais além,

“Esta posição enfatiza os “sentidos” à medida que eles são criados e vivenciados pelos indivíduos nas conversações... É uma posição firmada nos domínios da semântica e da narrativa, e que se apoia principalmente no princípio de que a ação humana acontece em uma

realidade de entendimento criada pela construção social e do diálogo.”(GERGEN K.; McNAMEE S., 1998, p.36)

Este viés narrativo é a posição pela qual entendemos o mundo como um mundo construído na linguagem, onde a comunicação e o discurso definem a organização social, onde o entendimento é construído socialmente através do diálogo e do discurso que por sua vez gera o sentido para a conversação e para a realidade vivenciada por aquele sistema (GERGEN, K; McNAMEE, S., 1998)

Neste enfoque pós-moderno, a compreensão humana passa a ser entendida como uma construção negociada na linguagem, entre as experiências das pessoas em relação, num mundo de significados dos quais fazem parte conceitos e teorias. Assim, a participação do observador também se inclui na construção de significados sobre esta realidade, pois passa a estudar sistemas do qual ele mesmo faz parte. Não há mais o simples expectador e não há mais apenas um ponto de vista. Estamos falando de uma construção conjunta do conhecimento a partir de narrativas distintas, que se complementam levando em conta a subjetividade, crenças, valores e cultura. Entendemos que o conhecimento se dá através de processos sociais. As pessoas dão sentido e constroem, através de uma dinâmica conjunta, por meio da participação que estabelecem nestes discursos que ocorrem em um tempo determinado e situados em um contexto, o que é considerado como realidade e verdade no mundo em que vivem. (GUANAES, & MATTOS, 2011).

Alternativas de entendimento que proporcionam novas narrativas observando-se uma realidade constituída a partir de múltiplas e diferentes visões embasadas do ponto de vista epistemológico pelo construcionismo social. Dentro desta perspectiva a comunidade científica participa, gerando e legitimando compreensões por meio de co-participações.

2.2 – A família como sistema

Focalizando o grupo familiar e suas relações sob este entendimento, observamos que o comportamento de cada um dos membros deste sistema é interdependente do comportamento dos outros, formando juntos uma totalidade. Neste contexto, a família, a

particularidade e singularidade de seus membros não é suficiente para explicar o comportamento de todos. A análise de sistemas humanos organizados pela linguagem como a família implica no entendimento de que este é um sistema relacional que ocorre mediado por circuitos de retroalimentação. (CERVENY, 2011).

Situar a família como um conjunto interdependente e como sendo um sistema linguístico organizado pelo significado, é compreender esta interdependência se manifestando também na construção de certas moralidades e éticas relacionais, assim, cada família constrói no decorrer da sua existência o que vem a ser o bom, o preferido, o não bom e o sem sentido. Os filhos crescem e aprendem rituais de convivência, referenciais de crenças e atribuições de sentido aos acontecimentos da vida. Pertencer a uma família significa certas formas de estar no mundo, construir lealdades e disposições afetivas para seguir em determinada posição.

“Com essas ideias começaram a pensar a família de um modo diferente, ao invés de compreendê-la como um conjunto de indivíduos começaram a pensa-la como uma unidade, um organismo vivo que tem sua própria estrutura, regras e objetivo.” (BRUSCAGIN, 2004, p 38).

A peculiaridade do sistema familiar é que este agrupamento não só se constitui enquanto grupo, no qual crenças, tradições são adquiridas e instaladas a partir da sua convivência, mas que seus comportamentos são frutos especificamente da dinâmica decorrente da longa duração de suas relações e do nível diferenciado da inter-relação entre seus elementos.

“A família é um grupo social natural que governa as respostas de seus membros em relação aos diferentes estímulos internos e externos. Ela desenvolve padrões de inter-relação entre seus membros que, ao longo do tempo, irão constituir a estrutura da família. A estrutura familiar, portanto, é constituída de atos repetidos que ocorrem entre seus membros, com a finalidade de equilibrar a família e permitir uma evolução no seu desenvolvimento.” (BRUSCAGIN, 2004; p 42).

A família como um sistema dinâmico e em constante transformação tem potencial para mudar em relação a sua ordem e estrutura de maneira a obter uma nova configuração que em sentido qualitativo difere da anterior.

“Por sua grande adaptabilidade e flexibilidade, os sistemas têm a capacidade da autotransformação de forma criativa. A família tem potencial para mudança e a morfogênese designa uma mudança dentro da ordem estrutural e funcional do sistema, de modo que este adquira nova configuração qualitativamente diferente da anterior”.
(CERVENY, 2011, p 32)

Em suas pesquisas Bruscagin (2004) observa que na família entendida como um sistema, os padrões de interação podem se repetir através de gerações. Constata que os princípios que operacionalizam o sistema familiar estão fortemente ligados à repetição destes padrões de interação, entendendo assim, que a família segue rotinas e rituais em seu cotidiano que lhe asseguram a própria continuidade por gerações sucessivas, apesar da sua inserção em um meio externo sujeito a mudanças contínuas. Não é incomum acompanharmos famílias onde três gerações, seguem a mesma direção, por exemplo: avô médico, filho médico e neto médico. As famílias enfatizam para seus membros através da sua dinâmica de funcionamento seu entendimento em relação às questões das moralidades, o que é aceitável e desejável e o que não é conveniente ou valorizado para aquele sistema familiar. Neste intercâmbio são passados valores e crenças que podem determinar as escolhas futuras dos seus membros.

A família se constitui de uma interrelação constante e contínua que estabelece uma linha direta entre seus membros de maneira que qualquer mudança pode determinar um novo arranjo em todo o sistema, significando que se um membro apresentar uma mudança toda a família será afetada e poderá chegar a uma nova acomodação.

O ser humano vive imerso em uma rede de significados e ao considerarmos que seu mundo é significativo, o contexto terapêutico torna-se um espaço de ressignificação, o que implica em mudanças, transformação de um significado para o outro, surgimento de narrativas que possam organizar de uma nova forma a experiência presente, a passada e também possibilidades que virão a partir das novas escolhas e significados. O entendimento da família nesta nova perspectiva é parte primordial na rede de significados do indivíduo. Uma vez que consideramos a impossibilidade da não influência da família sobre seus membros, a consciência de como se dá o funcionamento

da estrutura familiar pelo adolescente, passa a ser, no nosso entendimento, de fundamental importância para o processo no momento da escolha profissional.

A seguir, na tentativa de ilustrar o pensamento descrito neste capítulo, lançamos mão de trechos de uma série da televisão, reproduzindo algumas falas de adolescentes no sentido de favorecer uma reflexão sobre como estes jovens vivenciam este momento de escolha profissional.

CAP. 3 – O que eu vou ser quando crescer?

3.1- O contexto familiar

O contexto social com suas variáveis e possibilidades, o sistema familiar e suas redes sociais e o profissional que atua observando este fenômeno, passam a fazer parte primordial neste trabalho sobre o projeto de futuro e profissional do adolescente.

Miguel Perosa, em entrevista para o programa “Desafio Profissão” exibida pela TVPUC (2014), fala do indivíduo como sendo uma síntese de todas as interferências vividas em sua história. As interferências da família em suas escolhas podem ocorrer sob a forma de fatos históricos ou de obrigações no momento da escolha profissional.

Quando pensamos em escolhas, notamos que são sempre voltadas para o futuro, para o que ainda não aconteceu, portanto, quando falamos de escolhas estamos falando de incertezas e dúvidas. Segundo Perosa (2014): *“a escolha é baseada na falta da certeza então ela tem mais a ver com a vontade, com o sonho, com as expectativas do que com algumas certezas”*. (PEROSA, 2014 - Programa Desafio Profissão TVPUC – “Família e escolha de profissão”. Vídeo: 1min49s a 2min04s).

Abaixo, destacamos da série “Confissões de adolescentes” TV Cultura (1994), alguns discursos de jovens sobre as carreiras que pretendem escolher e suas expectativas em relação à profissão e na sequência separamos depoimentos de profissionais que atuam nas áreas para que possamos refletir sobre a diferença existente entre as expectativas diante da profissão escolhida pelos jovens e a realidade do dia a dia desta carreira.

(Otávio Augusto – vestibulando) – “...eu quero ser economista, acho que é a profissão mais importante para o país hoje, se nós tivermos pessoas realmente competentes e honestas eu tenho certeza que dá pra mudar a situação.” (Confissões de adolescente – episódio 3- O que eu vou ser quando eu crescer- 3:05/25:35)

(Dr.Miguel Marinho – economista) – “...tudo é muito mais complexo, nós sabemos teoricamente como seria possível desenvolver e concertar a economia do país, acontece que a economia está intimamente ligada a política e a menos que haja vontade política, nenhuma mudança é possível na verdade ,os economistas são

impotentes diante dos políticos.” (Confissões de adolescente – episódio 3- O que eu vou ser quando eu crescer- 3:26/25:35)

Podemos observar que no momento de uma escolha importante como é a escolha da profissão, os valores e sentidos construídos no intercâmbio das relações familiares são norteadores das decisões e regem essas escolhas por caminhos aceitos e valorizados pelo grupo ao qual pertence o jovem. Neste exemplo podemos notar através da fala de Otávio Augusto que valores como honestidade e competência podem ser valores relevantes e desejados para esta família, e que de certa forma foram valores eleitos para serem seguidos por ele. Podemos compreender também a discrepância entre a expectativa do jovem em relação à profissão e a realidade do dia a dia da profissão descrita por um profissional da área.

(André-vestibulando) – “... quero fazer filosofia porque filosofia é o lance pô, você fica sacando sobre todos os caras pensadores...não sei, acho que dá uma visão mais assim sei lá, das relações humanas e da sociedade, entende?...” (Confissões de adolescente – episódio 3- O que eu vou ser quando eu crescer- 5:30/25:35)

(Ercio Maciel – professor de filosofia) – “...em termos concretos, as perspectivas de alguém que se forma em filosofia são muito pequenas...o que é que você vai ser? Filósofo? A tendência é terminar sendo professor de filosofia. Você faz ideia de quanto ganha hoje um professor universitário? Menos que um gari da prefeitura minha filha.” (Confissões de adolescente – episódio 3- O que eu vou ser quando eu crescer- 5:40/25:35)

A escolha da profissão como nos fala Miguel Perosa (2014) tem muito mais relação com um sonho, o imaginário do que com a realidade. O jovem André nos fala acima da ideia e expectativas que tem do que seria exercer tal profissão e sua escolha provavelmente tem relação com o que ele aprendeu a valorizar e dar sentido na dinâmica familiar. As nossas escolhas estão permeadas de sentidos construídos no decorrer da nossa vida familiar direcionando nossas preferências.

(Fabiola-vestibulanda) - “ eu quero ser médica, sei lá...é uma profissão tão heroica, o poder e o dever de salvar vida... quase como sacerdócio... acho tão bonito, tão positivo...” (Confissões de adolescente – episódio 3- O que eu vou ser quando eu crescer-09:40/25:35)

(Dr. Aurélio Hungria –clínico geral) – “...bom, fora as condições de assistência hospitalar, chega um paciente precisando de atendimento em emergência e o hospital não tem as mínimas condições, agulha de sutura, fio, anestésico, se eu atendo um paciente nestas condições e ele morre, eu sou responsabilizado, se eu me nego a atender e ele morre eu também sou responsabilizado, omissão de socorro, quer dizer a saúde no Brasil está doente.” (Confissões de adolescente – episódio 3- O que eu vou ser quando eu crescer- 9:54/25:35)

Estas escolhas também podem encontrar sentido nas repetições geracionais, observamos muitas vezes que determinadas profissões tem um fator de repetição nas famílias. A respeito disso observamos como já dissemos acima, que novamente o sentido construído do que é aceito, desejável e bom, estabelecido em determinadas famílias são fortes norteadores das escolhas das gerações presentes e futuras.

Embora este momento de escolha profissional seja banhado de influencias familiares para o adolescente é um momento de muita ansiedade pois muitas vezes ele não se entende preparado para tal decisão e sente-se pressionado pela família e por si próprio em “fazer a escolha certa”. Vemos abaixo a fala de Bárbara onde retrata a dificuldade que sente ao ter que tomar uma decisão que entende ser determinante para sua vida, mas que não se vê preparada apesar de se impor tal decisão.

(Bárbara) – “é fogo, com 17,18 anos você já ter que saber o que vai ser pro resto da vida... e se depois eu não gostar? (Confissões de adolescente – episódio 3- O que eu vou ser quando eu crescer-01:23/25:35)

(Bárbara) – “até parece muito simples, do jeito que ele (pai) fala, até parece que eu estou indecisa de propósito, não sei, não sei, como é que eu vou saber?” (Confissões de adolescente – episódio 3- O que eu vou ser quando eu crescer-10:18/25:35)

Podemos observar também que a expectativa dos pais é presente durante todo o desenvolvimento dos filhos. Os filhos muitas vezes não querem decepcionar os pais, suas figuras de afeto, expressando em suas escolhas a necessidade concreta de agradar e satisfazer os desejos e expectativas da família.

(Pai) - Você já imaginou minha filha: no ano que vem você começa uma outra vida. Você já sabe que faculdade vai fazer?

(Bárbara) - Não.

(Pai) - Não?

(Bárbara) - Não.

(Pai) - Então eu acho que já é hora de pensar, não acha não? O vestibular tá perto e as faculdades abriam as inscrições. Agora, como é que você vai se inscrever se você não sabe que faculdade vai fazer? Bárbara, minha filha, faculdade é uma coisa muito séria!

(Bárbara) - Por que eu tenho que fazer uma faculdade?

(Pai) - Como assim? Por que eu tenho que fazer uma faculdade? Minha filha, você não vai ter o papai para te sustentar a vida toda. Por isso é que eu acho que esta não é uma boa hora pra você bancar a engraçadinha. Minha filha, as coisas não estão “mole”, a vida não é uma mesa de doces. Você já parou pra pensar como é que você vai se sustentar? (Confissões de adolescente – episódio 3- O que eu vou ser quando eu crescer- 6:00/25:35)

Neste momento de escolha o grande desafio é que existem diversas interferências ocorrendo ao mesmo tempo; as expectativas da família em relação ao jovem, as expectativas dessa família internalizada pelo próprio indivíduo e a tarefa de atender as próprias expectativas na realização de um projeto de futuro desconhecido e incerto que faça sentido e traga felicidade.

A escolha é baseada na falta de certeza e o desafio nesta tarefa é o fato dela não ser apenas pessoal, pois a família como um todo tem participação, mesmo que não haja uma ação efetiva sobre a escolha, essa interferência ocorre. Muitas vezes os filhos

acabam realizando o projeto dos pais, pois as expectativas dos pais também carregam influências que eles próprios vivenciaram no momento de suas escolhas.

(Pai) - Ai se eu falasse assim com meu pai, mas eu levava uma "bolacha"! Na minha época as coisas eram diferentes.

(Bárbara) - É. Tão diferentes que acabou fazendo o que o meu avô queria. (Confissões de adolescentes – episódio 3- O que eu vou ser quando crescer – 7:59/25:35)

Também ocorre que, no momento da escolha dos filhos, os pais retomem as suas próprias escolhas e revejam seus percursos no direcionamento das escolhas dos filhos. Este momento é sensível e mexe com todo sistema familiar.

Como já mencionamos, muitos são os fatores que influenciam na escolha de uma profissão, desde características pessoais a convicções políticas e religiosas, valores, crenças, contexto socioeconômico, família e redes sociais. A família pode ser um dos principais fatores de influência, dificultando ou facilitando, no momento da decisão profissional do jovem.

(Pai) - Sabe filha, eu estava pensando e... sei lá, eu até... olha só: você não gostaria de seguir a profissão do papai, hum? Que tal? As portas já estariam abertas e depois, junto com a faculdade de Direito, você poderia fazer Economia, depois eu mandava você para o exterior e você fazia pós-graduação e se especializava em Direito Internacional. Olha filha, eu vou dizer uma coisa pra você, hoje em dia é uma das áreas mais importantes! (Confissões de Adolescente – episódio 3 – O que eu vou ser quando eu crescer. 12:28/ 25:35)

Segundo Filomeno (1997), estar atento a este aspecto da interferência da família, é de extrema importância, pois a família é a base do desenvolvimento psicossocial do indivíduo. Desde o nascimento o ser humano está inserido em um contexto familiar, no qual se estrutura e se constrói enquanto indivíduo e no qual os significados da vida vão se construindo e dando sentido as experiências.

3.2 - Família e mito

A estrutura familiar é mantida por seus próprios mitos, ou seja, os mitos familiares configuram um conjunto de crenças, conceitos e valores absorvidos pela família. Deste modo, o mito dá sentido à família em relação às normas e regras, mas também as suas expectativas e padrões de conduta. “*O mito constitui, em sua essência, a própria concepção de mundo, da família, para qual são criados a realidade familiar e o mapa do mundo individual.*” (FILOMENO, 1997, p.18).

Toda narrativa familiar lida com uma diversidade de elementos, crenças, valores, tradições que se transformam em construção de conhecimento. Cada membro, a partir disto tem seu papel e posição dentro do grupo familiar e possui um modelo de conduta. Por fim, são estes modelos de conduta, subsidiados pelos mitos, que atribuem significado e valor à existência.

“Estão relacionados com o passado, presente e futuro, bem como a identidade e o propósito de vida do indivíduo. Exercem poderoso efeito sobre os sentimentos, os pensamentos e as atitudes e são influenciados pelas experiências pessoais, sociais e familiares. Por meio dos mitos, interpreta-se o passado, compreende-se o presente e encontra-se orientação para o futuro. Apontam as mais amplas questões de identidade: ‘quem sou eu’; de direção: ‘para onde vou’; e de propósito de vida: ‘por que estou aqui’”. (FILOMENO, 1997. p.1)

A profissão exercida pelos familiares e a forma como vivenciam este ofício estabelece conceitos e valores que podem influenciar na decisão do jovem em situação de escolha profissional. Assim, ao optar por uma profissão o jovem pode estar seguindo, confrontando ou transformando um mito familiar.

(Pai) - Astronomia?

(Bárbara) - Sim, Astronomia. Vou ser astrônoma! Estudar o espaço: não tem coisa mais misteriosa do que o espaço, pai! Produzir satélites, estudar sinais transmitidos por civilizações mais adiantadas, desenvolver um projeto de povoamento da Lua! É a conquista do espaço, pai!

(Pai) - Conquista do espaço? Povoamento da Lua? Mas você ficou biruta menina? Onde é que você tá com a cabeça? Astrônoma? Sim, porque uma coisa é vida real, outra coisa é ficção científica. Não, isso é provocação minha filha! Só pode ser provocação.

(Bárbara) - Arghhh! Você só vai ficar satisfeito se eu fizer o que você aprove. Não interessa se eu goste ou não! (Confissões de adolescente – episódio 03 – O que eu vou ser quando eu crescer- 20:16/ 25:35)

Os filhos nem sempre reconhecem as influências familiares enquanto ideologia familiar. A lealdade a essa ideologia acaba construindo um rizoma de comunicações e obrigações no sistema familiar e cada membro deste grupo sente-se comprometido e vinculado a ela, como se fosse um legado. Quando essa expectativa de lealdade é rompida por algum motivo ocorrem os conflitos familiares caracterizados por sobrecargas nos laços familiares, ou enfraquecimento dos sentidos pressupostos e organizadores da relação grupal.

Filomeno (1997) cita Krom para esclarecer que o mito familiar interfere no modo de exercer a escolha profissional e não necessariamente na escolha em si. Classifica alguns destes mitos para descrever estes modelos implícitos na relação do grupo familiar – o mito da propriedade, de luta, da ajuda e do cuidado. Por exemplo, se o mito da ajuda e do cuidado está presente na matriz familiar, o jovem deste grupo poderá buscar este aspecto no momento de sua escolha e optar por profissões que ele entenda que privilegiem tais valores. O conhecimento destes mitos facilita e contribui para uma escolha mais madura e ajustada. É muito importante, portanto, que o jovem considere as influências recebidas pela família, quer elas sejam explícitas, quer sejam sutis e expressas implicitamente, pois o reconhecimento destas influências colabora com a elaboração de um projeto de futuro mais responsável, com a percepção real e da verdade o indivíduo poderá usar os sentidos construídos nas inter-relações familiares de forma positiva e construtiva para suas escolhas e adequá-las aos seus próprios desejos, valores e necessidades.

Considerações Finais

Observamos que muitas são as influências e interferências que afetam um jovem no momento da escolha profissional. Influências da família, da rede de amigos, do momento, do mercado de trabalho, da sociedade, salários, títulos, desempenho e várias outras. Neste trabalho tivemos como propósito, compreender a participação dessas influências na construção de sentidos presentes na porta de entrada para a construção de uma identidade profissional. Destacamos, através da reflexão proposta por este estudo, uma grande angústia diante dos apelos explícitos ou implícitos advindos ou percebidos pelo convívio familiar bem como de sua rede de influências. Ao falarmos em escolhas devemos ter em mente que estamos falando de dúvidas e do por vir. O que somos no presente, nossa história, nossos valores e crenças sempre afetará nossos caminhos haja vista que escolhemos o que faz sentido para nós. Entendemos a escolha como um projeto para o futuro, delineada por sonhos, por um conjunto de expectativas dos pais em relação ao jovem, do jovem em relação a si mesmo e deste jovem em relação à família, ou seja, como nos fala Perosa (2014) em sua entrevista para o programa Desafio Profissão:

“...o adolescente não quer decepcionar os pais. Ele fica se perguntando quais são as expectativas se os pais não mostram... ele tem que agradar a si mesmo... Ele tem que escolher algo que ele goste, que sirva para ele e também satisfazer as expectativas da namorada, do irmão, do primo e enfim do pai e da mãe”. (4min42s a 5min31s)

Procuramos refletir sobre a exigência deste jovem em saber o que deve escolher, como fazer a escolha certa e uma escolha que, embora não se possa garantir isso no momento evolutivo em que se dá, espera-se que seja um sucesso, porta de entrada para a autonomia desse jovem, prometendo ser para vida toda.

Por meio deste estudo procuramos ampliar caminhos no sentido de refletir sobre a importância de sermos facilitadores e informantes da dinâmica familiar, dos princípios e valores que regem estas relações para esses jovens, revelando a impossibilidade da não influência familiar, uma vez que faz parte dos significados construídos ao longo da existência deste jovem. A família constrói os sentidos e

imprime significados que servem como eixo condutor para as escolhas, podendo interferir nos caminhos eleitos pelos adolescentes.

Acreditamos que uma vez familiarizados com tal conhecimento, este jovem minimize esta angústia vivenciada muitas vezes pela tentativa constante de realizar uma escolha livre de tais influências familiares, podendo assim, mais consciente, fazer escolhas que, considerando os valores familiares, promovam liberdade e autonomia.

Referências bibliográficas

- ABADE, F. L. *Orientação profissional no Brasil: uma revisão histórica da produção científica*. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=s1679-33902>. Acessado em 06 de julho de 2014.
- ANDERSON, H. *Conversação, linguagem e possibilidades: um enfoque pós-moderno da terapia*. São Paulo: Roca, 2011.
- BOCK, A. M. B., GONÇALVES, M. G. M. & FURTADO, O. *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia* (orgs.). São Paulo: Cortez, 2001.
- BOCK, S. D. *Orientação profissional: a abordagem sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2002.
- BOHOSLAVSKY, R. *Orientação vocacional: a estratégia clínica*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- BRUSCAGIN, C. B. *Sob a proteção de Deus: famílias cristãs na fase adolescente*. 281f. Tese (Doutorado em psicologia clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2004.
- CERVENY, C. M. O. *Família e... intergeracionalidade, equilíbrio econômico, longevidade, repercussões, intervenções psicossociais, o tempo, filhos cangurus, luto, cultura, terapia familiar, desenvolvimento humano e social, afetividade, negociação*.(org). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.
- _____. *A família como modelo: desconstruindo a patologia*. São Paulo: Livro Pleno, 2011
- FILOMENO, K. *Mitos familiares e escolha profissional: uma visão sistêmica*. São Paulo: Vetor, 1997.
- GIMENEZ, P. D. *Adolescência e escolha: um espaço ritual para a escolha profissional através do sandplay e dos sonhos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.
- GRANDESSO, M. Viver em família: que tipo de futuro nós terapeutas familiares podemos ajudar a construir? In: MACEDO, R. M. S. (org.). *Terapia familiar no Brasil na última década*. São Paulo: Roca, 2008. Cap. 2, p. 6-16.
- GRANDESSO, M. *Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

GUANAES-LORENZI, C. *Construcionismo social: discurso, prática e produção de conhecimento* (orgs.). Rio de Janeiro: Instituto Noos, 2014.

McNAMEE, S. & GERGEN, K. *A terapia como construção social*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

OSORIO, L. C. & PASCUAL DO VALLE, M. E. *Manual de terapia familiar: volume II*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

SILVA, L. L. M. & JACQUEMIN, A. *Intervenção em orientação vocacional/profissional: avaliando resultados e processos*. São Paulo: Vetor, 2001.

Vídeos:

You Tube. Confissões de adolescente. TV Cultura – episódio 03 – “O que eu vou ser quando crescer”. Vídeo (25min36s).

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vxSj47jQB_U.

Publicado em: 06 de abril de 2012. Acesso em: 21 de abril de 2015

PEROSA, M. (2014). You Tube. Programa Desafio Profissão TVPUC – “Família e escolha de profissão”. Vídeo (28min04s). Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=SBZfNOdU>.

Publicado em: 29 de janeiro de 2014. Acesso em: 21 de abril de 2015